Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/11/2026 e 19/11/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
13/11/2026	12,43	329,80	63,77	5,93	4,45
16/11/2026	12,29	334,60	62,19	5,87	4,48
17/11/2026	12,25	335,20	62,13	5,95	4,46
18/11/2026	12,16	335,90	59,88	5,70	4,35
19/11/2026	12,07	332,30	60,09	5,78	4,39
Média	**12,24**	**333,56**	**61,61**	**5,85**	**4,43**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	**146,00**	
RS – Não-Me-Toque	**146,00**	
PR – Pato Branco	**142,50**	
PR – M.C.Rondon	**140,00**	
MT – C.N.Parecis	**135,00**	
MS – Maracaju	**150,00**	
GO - Rio Verde	**137,00**	
BA – L.E.Magalhães	**150,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**68,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**70,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**60,00**	
SC – Rio do Sul	**59,00**	
PR – M.C.Rondon	**54,00**	
PR – Pato Branco	**58,00**	
MT – C.N.Parecis	**43,00**	
MS – Maracaju	**50,00**	
SP – Itapetininga	**63,00**	
SP – Campinas	**68,00**	CIF
GO – Rio Verde	**53,50**	
GO – Jataí	**53,50**	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**73,00**	
PR – Pato Branco	**81,00**	
PR – M.C.Rondon	**81,00**	

Período: 18/11/2026
SC=Sem Cotação.
(*) Valor de compra
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 19/11/2026

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**61,96**	**144,61**	**72,14**

ND = Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 19/11/2026

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**79,38**
Feijão (saco 60 Kg)	**225,57**
Sorgo (saco 60 Kg)	**50,00*** **
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**4,98**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**2,56****
Boi gordo (Kg vivo)*	**12,61**

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias
(**) Referência Setembro/26, cf. Cepea/Esalq
(***) Cf. Notícias Agrícolas
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado, em Chicago, após ensaiar nova elevação no início da presente semana, acabou cedendo e fechou a quinta-feira (19) em US$ 12,07/bushel, contra US$ 12,27 uma semana antes. Já o farelo de soja trabalhou um pouco mais elevado, atingindo, no dia 18/11, a US$ 335,90/tonelada curta, a melhor cotação desde o dia 26 de outubro, enquanto o óleo despencou para 59,88 centavos de dólar por libra-peso no mesmo dia, sendo esta a mais baixa cotação desde o dia 23 de fevereiro.

A colheita da soja nos EUA estando praticamente encerrada, o mercado continua voltado ao movimento dos Fundos em Chicago, ao comportamento do dólar, à evolução do plantio na América do Sul e ao movimento das exportações estadunidenses.

Quanto às exportações, os EUA embarcaram 1,7 milhão de toneladas de soja na semana encerrada em 12/11. O volume ficou abaixo das expectativas do mercado. A China respondeu por apenas 41% das inspeções de soja norte-americana no período, contra participações superiores a 60% observadas em várias semanas recentes. No acumulado do ano comercial 2026/27, as inspeções de soja somam 15,9 milhões de toneladas, volume 57% superior ao registrado no mesmo período da temporada anterior.

Por sua vez, o processamento de soja nos EUA totalizou 6,4 milhões de toneladas em outubro de 2026, segundo a NOPA (Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos Estados Unidos). O volume superou as expectativas do mercado, que apontavam para 6,1 milhões de toneladas, e também ficou acima das 5,3 milhões de toneladas registradas em setembro. O resultado representa um avanço de aproximadamente 19,3% sobre setembro, e ficou cerca de 3,9% acima das estimativas dos analistas, sinalizando uma demanda industrial mais forte pelo grão nos Estados Unidos. Já os estoques de óleo de soja naquele país vieram 11,2% acima dos registrados em setembro.

E no Brasil, graças à forte desvalorização do Real (R$ 5,93 na tarde do dia 19/11), os preços da soja dispararam. A média gaúcha chegou a R$ 144,61/saco, enquanto as principais praças registraram R$ 146,00. Nas demais praças nacionais a soja oscilou entre R$ 135,00 e R$ 150,00/saco. O movimento do câmbio se deve à crise fiscal brasileira e a desconfiança do mercado quanto a eficácia do pacote fiscal recentemente anunciado. Soma-se a isso o fato de que o dólar se valorizou no mundo inteiro, sendo que aqui no Brasil tal valorização foi maior. Assim, hoje temos o melhor momento do mercado interno da soja em mais de um ano. Para se ter uma ideia, no ano passado, nesta época, a média gaúcha era de R$ 125,24/saco, enquanto no restante do país os preços oscilavam entre R$ 120,00 e R$ 127,00/saco (cf. Emater e Notícias Agrícolas). Nos portos brasileiros, o momento é de melhores preços desde 2023 na medida em que a soja disponível, para dezembro, atingiu a R$ 170,00/saco (cf. Brandalizze Consulting). Isso é positivo para quem tem ainda soja disponível, porém, é ruim para a futura safra já que os custos de produção, que já estão elevados, sobem ainda mais.

Sobre o fator câmbio, é importante dizer que a tendência é o mesmo voltar a níveis mais palatáveis no início do próximo ano, salvo problemas com a condução da crise fiscal pelo governo federal. A paridade de poder de compra indica valores entre R$

ntraENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

5,00 e R$ 5,20 por dólar, enquanto o mercado indica um valor de R$ 5,50 no fechamento de 2026. No primeiro caso, diante dos atuais preços em Chicago e dos prêmios médios nos portos brasileiros, a soja gaúcha estaria valendo hoje cerca de R$ 126,00/saco, ou seja, 20 reais a menos do que o atualmente praticado no balcão. No segundo caso (câmbio a R$ 5,50), a soja valeria R$ 136,00/saco, ou seja, 10 reais a menos do que está valendo hoje.

Dito isso, o plantio da soja no Mato Grosso atingiu a 98% da área esperada no dia 13/11, superando a média histórica que é de 96,6%. As projeções de área, produtividade e produção de soja do Mato Grosso foram mantidas em 13,05 milhões de hectares, 62,4 sacos/hectare e 48,9 milhões de toneladas, respectivamente (cf. Imea).

E em todo o Brasil, o plantio alcançou a 78% da área até o dia 12/11, contra 71% no mesmo período do ano passado (cf. AgRural).

Por sua vez, as exportações brasileira de soja somaram 2,01 milhões de toneladas nas duas primeiras semanas de novembro. O avanço é de 1,2% na média diária em relação a novembro do ano passado. O preço médio da soja exportada pelo Brasil também apresentou valorização, passando de US$ 435,49 por tonelada em novembro de 2025 para US$ 482,57 por tonelada neste mês, uma alta de 10,8% (cf. Secex).

O Brasil já teria cerca de 40% da soja 2026/27 negociada de forma futura, com os produtores aproveitando a alta dos preços na atualidade.

Enfim, em seu relatório de novembro a Conab avança uma produção final de soja, para 2026/27, no Brasil, de 181,6 milhões de toneladas, contra 180,4 milhões no ano passado. A produção do Mato Grosso alcançaria 50,9 milhões de toneladas, contra 51,6 milhões um ano antes; a do Paraná chegaria a 21,8 milhões, contra 22 milhões; e a do Rio Grande do Sul atingiria 20,2 milhões, contra 18,6 milhões de toneladas. Obviamente, tudo isso se o clima for normal.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (19) em US$ 4,39/bushel, após atingir a US$ 4,35 na véspera. Uma semana antes o fechamento havia sido de US$ 4,42/bushel.

A colheita nos EUA caminha para o final (88% da área estava colhida até o dia 15/11), enquanto os embarques do cereal, na semana encerrada em 12/11, chegaram a 866.000 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, o total alcança 12,5 milhões de toneladas, com recuo de 21% sobre o mesmo período do ano anterior. O México foi responsável por 38% das compras.

E no Brasil os preços cederam um pouco. A média gaúcha ficou em R$ 61,96/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R$ 60,00. Nas demais regiões brasileiras o valor do saco de milho oscilou entre R$ 43,00 e R$ 63,00/saco.

Por sua vez, o plantio da safra de verão nacional atingia a 81% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, até o dia 12/11, contra 85% na mesma época do ano anterior (cf.

AgRural). Já em todo o Brasil, a safra de verão estava semeada em 57,2% da área até o dia 13/11, contra 54,1% na média dos últimos cinco anos (cf. Conab).

A Conab, em seu relatório de novembro, apontou uma estimativa de produção total de milho, no país, de 148 milhões de toneladas, sendo ela 2,4% superior a do ano anterior. A área total seria de 23,7 milhões de hectares, com aumento de 4,9% sobre o ano anterior. A safrinha, por sua vez, seria de 113,2 milhões de toneladas, com aumento de 0,4% sobre o ano anterior, com a área atingindo a 18,5 milhões de hectares, ou seja, 3,7% acima da registrada na safra anterior.

Por outro lado, as exportações brasileiras de milho, para 2026/27, sofreram um recuo na estimativa da Conab, ficando agora em 43 milhões de toneladas, com redução de três milhões de toneladas. Paralelamente, os estoques iniciais foram elevados em outros três milhões de toneladas, para 19,04 milhões, refletindo a menor expectativa de embarques na temporada anterior. Assim, com a produção mantida e o consumo interno projetado em 104,8 milhões de toneladas, os estoques finais brasileiros passaram de 14,9 milhões para 20,9 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 40,2% em relação à estimativa de outubro (cf. Agrinvest). Diante disso, não há como os preços do milho subirem nos próximos meses, salvo uma frustração na safra de verão e problemas no plantio da futura safrinha.

Enquanto isso, as exportações brasileira de milho efetivamente realizadas, nos primeiros nove dias de novembro, atingiram a 2,9 milhões de toneladas. A média diária foi 21,5% mais elevada do que o registrado em novembro do ano anterior (cf. Secex). Em tal contexto, a exportação total de milho, em novembro, pelo Brasil, é esperada em 8,06 milhões de toneladas. Caso se confirme, esta será a maior exportação mensal desde setembro de 2023 (cf. Anec).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, continuou abaixo dos US$ 6,00/bushel, chegando a bater em US$ 5,70 no dia 18/11, a mais baixa cotação desde o dia 29 de junho. Na sequência, o fechamento do dia 19 (quinta-feira) ficou em US$ 5,78, contra US$ 5,84/bushel uma semana antes.

Houve novos incidentes armados no Mar Negro, porém, a influência dos mesmos, sobre a cotação do cereal, ficou em apenas um dia. Na verdade, estes fatos e o comportamento dos Fundos junto aos contratos de trigo em Chicago, vêm balizando o mercado.

Por outro lado, as exportações estadunidenses, na semana encerrada em 12/11, atingiram a 392.000 toneladas do cereal, superando as expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial, as inspeções somam 8,2 milhões de toneladas, 34% abaixo do mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços melhoraram um pouco, para o produto de qualidade superior, com R$ 73,00/saco no Rio Grande do Sul e R$ 81,00 no Paraná.

O recente relatório da Conab reduziu ainda mais a nova safra brasileira, em fase final de colheita, com a mesma atingindo, agora, 5,26 milhões de toneladas, contra 7,87 milhões um ano antes. Isso representa um recuo de 33,2%. No Rio Grande do Sul, a expectativa é de uma colheita de 2,1 milhões de toneladas, com recuo de 41,3% sobre o colhido no ano anterior. E no Paraná, a produção estimada é de apenas 1,9 milhão de toneladas, com recuo de 31,4% sobre o obtido em 2025.

Isso reforça a expectativa de uma importação recorde de trigo pelo Brasil, em 2026/27. A Conab avança 8,9 milhões de toneladas, enquanto a iniciativa privada chega a apontar até 10 milhões.

Pelo sim ou pelo não, nos nove primeiros dias úteis de novembro, o Brasil importou 27,9% acima do comprado em novembro de 2025. O gasto médio das compras externas subiu 46,9% na comparação com o ano anterior. O preço médio das importações ficou aproximadamente 14,9% acima do registrado no mesmo período do ano passado (cf. Secex).

Por sua vez, até o dia 16/11, a colheita do trigo no Brasil chegou a 89% da área, contra 83,5% na média das últimas cinco safras (cf. Conab). Ao mesmo tempo, apenas 15% dos 70% já colhidos no Rio Grande do Sul, até 13/11, atingia a classificação Tipo 1, com PH 78. Enquanto isso, cerca de 150.000 toneladas era a oferta de trigo dentro de determinados parâmetros de qualidade para moagem, considerando número de queda (Falling Number) superior a 250 segundos e teor de deoxinivalenol (DON) de até 2.000 partes por bilhão. As diferenças de qualidade também aparecem na formação dos preços. Nos Campos Gerais do Paraná, o trigo Tipo 1 era negociado a R$ 1.600,00/ tonelada CIF moinho em 13 de novembro, enquanto o cereal destinado à alimentação animal tinha referência de R$ 1.150,00/tonelada CIF Paranaguá. Todavia, apesar da oferta reduzida de cereal de melhor padrão, a disponibilidade internacional, especialmente da Argentina, contribui para limitar uma valorização mais intensa dos preços internos (cf. Safras & Mercado).

Ao mesmo tempo, até o dia 13/11, o comprometimento de navios para importação de trigo por parte do Brasil, para o ano 2026/27, atingia a 1,34 milhão de toneladas, 53,1% acima do que esteve programado no mesmo período do ano anterior. A Argentina concentrava 1,16 milhão de toneladas dessa programação, equivalentes a 86,5% do total, seguida pelo Canadá, com 126.600 toneladas, e pelo Uruguai, com 25.000 toneladas. Os volumes correspondem a operações programadas e não devem ser confundidos com importações efetivamente realizadas (cf. Safras & Mercado).

Enfim, salienta-se que o Brasil está entre os maiores importadores mundiais de trigo, mesmo com o crescimento da produção nacional nos últimos anos. Com um consumo interno superior a 13 milhões de toneladas, o país enfrenta um paradoxo: enquanto parte do cereal produzido no Rio Grande do Sul é exportada, a indústria brasileira importa trigo, principalmente da Argentina, para abastecer o mercado interno. Custos de transporte, localização dos moinhos e limitações da infraestrutura logística ajudam a explicar essa situação. O frete do Rio Grande do Sul para São Paulo pode custar o dobro do transporte marítimo de trigo argentino até o Sudeste brasileiro. Essa diferença favorece a importação do cereal e ajuda a explicar a presença de grandes moinhos no Nordeste, onde não há produção expressiva de trigo, mas existem portos preparados para receber o produto estrangeiro. Enquanto o trigo estrangeiro abastece parte da

indústria brasileira, o Rio Grande do Sul, maior estado produtor do cereal no País, registra excedentes na maioria dos anos. Em 2024, a produção gaúcha atingiu 3,6 milhões de toneladas, enquanto seu parque de moagem, o segundo maior do País, processou menos de 2 milhões. Uma das alternativas encontradas por cooperativas e cerealistas, para comercializar o excedente, tem sido a exportação. No entanto, o escoamento enfrenta a concorrência da soja pela infraestrutura logística. As sucessivas safras recordes da oleaginosa sobrecarregam os portos da região, reduzindo a disponibilidade de caminhões e terminais de portos secos para o trigo. As exportações brasileiras do cereal vêm registrando crescimento a partir de 2019, segundo dados da plataforma da Embrapa. O recorde foi alcançado em 2022, com 3,2 milhões de toneladas. O trigo brasileiro é exportado majoritariamente pelos portos de Rio Grande (RS) e Paranaguá (PR). Os principais destinos foram Vietnã, Indonésia e Arábia Saudita, mas o cereal chegou a 142 países. Historicamente, África, Ásia e Oriente Médio estão entre os principais mercados compradores. O trigo brasileiro exportado é destinado principalmente à alimentação animal. No entanto, a melhoria da qualidade dos grãos nacionais também tem ampliado as oportunidades no segmento de trigo voltado ao consumo humano. “Historicamente, o mercado asiático busca trigo de baixa força de glúten para atender a indústria de pães e massas de baixa fermentação, como pão sírio e pizzas. Outro mercado relevante é o de ração animal, que demanda grãos com alto teor de proteínas”. Os grãos representam o maior volume do comércio internacional de trigo envolvendo o Brasil: 95% das importações e 97% das exportações (ano-base 2024). Mas a cadeia produtiva também registra movimento de industrializados. Na categoria dos pães, biscoitos e bolachas, o País vende mais do que compra. Os principais clientes são os Estados Unidos e países da América Latina, enquanto os fornecedores vêm da Europa e da Argentina. Já no segmento de massas alimentícias, o cenário se inverte: o Brasil importa mais do que exporta, e a Itália é a origem de quase 80% do volume adquirido (cf. Embrapa Territorial, Embrapa Trigo e Ministério da Agricultura e Pecuária).